

Nota de abertura

Entre 2013 e 2018, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organizou uma série de *Seminários do Fim do Mundo*. Durante vinte e quatro sessões, falou-se sobre a representação e o imaginário da catástrofe, o cancelamento do tempo, a ruína das civilizações, o desaparecimento da existência humana; convocaram-se perspectivas artísticas, filosóficas, teológicas, políticas; interrogaram-se poemas, filmes, bandas desenhadas, videojogos. Após um ano de intervalo (ou um descanso sabático...), urgia regressar a todas essas questões - para pensar o seu reverso.

Se a História humana regista tantas formas de destruição e esquecimento, se o fim é uma ameaça insistente e plural, de que modo(s), pelo contrário, se pode salvar o mundo? Que palavras, gestos e acções permitem enfrentar a catástrofe e o aniquilamento? Como podem as artes inventar modelos de resistência, resgatar memórias, inaugurar um novo universo? E, finalmente: por que razão deve o mundo ser salvo? Para responder, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde Novembro de 2020 (em plena segunda vaga da pandemia de Covid-19), os *Seminários da Salvação do Mundo*, realizados *on-line* e transmitidos pelo *youtube*. Os libretos *Materiais para a Salvação do Mundo* publicam textos resultantes desses seminários abertos, ou afins.

Neste volume, Annita Costa Malufe pensa o que significa viver (e sobreviver a) uma pandemia como a de Covid-19, agravada pela resposta catastrófica (ou pela mera negação) do governo brasileiro: experiência de um fim de um mundo, que pode ser pensada por conceitos colhidos na literatura e na filosofia - a escrita do desastre em Blanchot, o esgotamento em Beckett / Deleuze; Burghard Baltrusch interroga os conceitos de salvação e de mundo(s), reflectindo sobre as acções de activistas climáticos, em particular do colectivo Climáximo (que em 2023 derramou tinta vermelha sobre um quadro de Picasso - na verdade, protegido por um vidro), e questionando valores como arte, intervenção, ética e política, resistência, essencialismo estratégico; e Łukasz Kraj estuda as ideias de catástrofe e salvação na poesia polaca do século XX, lendo textos de Józef Czechowicz, Czesław Miłosz e Radosław Jurczak, convocando o imaginário apocalíptico, a memória tenebrosa da II Guerra Mundial, mas também uma forma de resistência anti-capitalista, que permita, através do poema, «desvendar o obscuro, aproximar o inacessível».

Pedro Eiras